

TEMPO DE REVOLUÇÃO

23 DE SETEMBRO DE 2021

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI) EDIÇÃO 09

Sarah Teófilo

Crise do sistema político avança



Lutar pelo
direito ao aborto
Pg 04

Greve geral ou
sindicalismo digital
Pg 06

O impasse burguês e a confusão na classe dominante

Em todos os veículos de comunicação burgueses fala-se sobre ameaças golpistas, desrespeito à institucionalidade e conjectura-se sobre os planos obscuros do presidente da República. William Bonner utiliza o Jornal Nacional como uma tribuna política para acusar Bolsonaro de crimes. O presidente da CUT, Sérgio Nobre, faz uma live por ocasião dos 38 anos da central e convoca à defesa da democracia. A plenária estadual da CUT-SP aprova resolução para defender eleições democráticas em 2022. Estabeleceu-se de fato uma frente única em torno da defesa da democracia neste país, unindo desde militantes do MBL aos sindicalistas cutistas.

Como consequência política dessa curiosa articulação, temos um cenário em que 13 partidos se uniram à “Campanha Fora Bolsonaro” na convocação dos atos marcados para 2 de outubro, contemplando pelo menos 152 parlamentares federais. Os trabalhadores precisam se questionar a quem serve um tal arco de alianças com partidos burgueses. Esta “frente ampla” é a tentativa de avançar em uma frente eleitoral para a candidatura Lula 2022 e de conduzir as massas a repetirem a experiência com as urnas, a procurarem soluções para seus problemas por dentro das instituições. A crise política que atravessa o Brasil, entretanto, consiste justamente na agonia desta democracia em particular, uma democracia dos ricos e para os ricos, no esgotamento de sua credibilidade e na busca das massas por outra forma de fazer política.



Atos pró-governo reuniram elementos degenerados da sociedade, pequena burguesia, policiais e desclassados

O fenômeno Bolsonaro expressa esse processo, a decadência senil deste regime político, a incapacidade da República de 1988 em manter a luta social dentro dos limites estabelecidos pelo Estado brasileiro, expressos por sua Constituição e suas instituições. Foi principalmente por sua retórica antissistema que Bolsonaro conseguiu eleger-se para a presidência da República. Dessa forma, ele conectou-se com o profundo descontentamento popular em amadurecimento desde as Jornadas de Junho de 2013. Enquanto todos os partidos e candidatos uniam-se para se apresentar como bons gestores do sistema, de uma falsa democracia, Bolsonaro explorou demagogicamente a ideia contrária, opondo-se ao bloco pró-sistema. Que suas demais ideias encontraram eco se pode compre-

ender por se basearem nos preconceitos mais profundos e degenerados da ideologia dominante, expressos na forma do senso comum.

Seu governo, entretanto, tem sido um governo para essencialmente aplicar as reformas, as privatizações e a gestão da coisa pública segundo os interesses de diversos setores da burguesia, expressos pelo Ministro da Economia Paulo Guedes. Um governo para governar para o capital, como Bolsonaro deixou claro em seu discurso na Assembleia Geral da ONU. Sua condução delinquente da pandemia de Covid-19 teve, por trás de todo discurso negacionista, um caráter fundamentalmente de classe ao garantir a circulação da força de trabalho e o funcionamento da economia, ainda que ao custo de 600 mil vidas humanas.

Acontece que, embora

a consciência dos trabalhadores tenha a tendência geral a andar atrás dos acontecimentos, no final é a vida concreta que se impõe e determina a consciência. Esse é o elemento por trás dos péssimos níveis de aprovação governamental. Vão compor essas estatísticas as condições concretas de vida das massas, a inflação na casa dos dois dígitos, os acordos salariais sendo fechados abaixo no índice inflacionário, o arrocho crescente das massas, o retorno da fome, o número gigante de trabalhadores informais, o nível recorde de desemprego e as milhões de famílias impactadas pela perda desnecessária para a Covid-19 de seus filhos, pais, parentes e amigos. Tudo condicionado pela dificuldade da economia mundial, e dos EUA em especial, para retomar a acumulação de capital

aos índices pré-pandemia e evitarem a próxima crise.

Incapaz de responder aos problemas reais dos explorados, Bolsonaro lança mão de mais demagogia antissistema. Acuado pelas facções dominantes da burguesia, ele ataca e denuncia o STF e seus ministros. Coloca, assim, dinamite no Poder Judiciário, a instituição que tem concentrado o caráter de mediador da República e de garantidor final dos interesses dominantes da burguesia. Por meio dessa dinâmica conflituosa e inusitada, vemos uma simbiose social, em que a crise política alimenta a crise econômica, convertendo-se esta última, por sua vez, em mais instabilidade política.

Nos atos bolsonaristas de 7 de setembro, Bolsonaro avançou sua orientação aventureira. Percebendo um cenário perdido para uma reeleição em 2022, o presidente e seus aliados buscaram coesionar uma base de apoio para os próximos embates. Após o naufrágio do plano de formar um partido próprio, a Aliança pelo Brasil, seus alvos agora são principalmente os policiais militares, a caserna das Forças Armadas e outras forças de repressão do Estado. Isso pode ser constatado pela articulação ativa de comandantes convocando os soldados para os atos, pelas medidas governamentais que beneficiam justamente esse segmento e pelo apoio a uma repressão social mais agressiva e com mais liberdade para os agentes repressivos.

Bolsonaro, entretanto, não dispõe hoje dessas tropas de ação que almeja articular. Ele e seu núcleo

SITUAÇÃO POLÍTICA E ATIVIDADE DA EM

sabem disso. Por isso que, diante da resposta dura da burguesia contra os atos e declarações de Bolsonaro no 7 de Setembro, os bolsonaristas propõem uma tré-gua com as demais facções burguesas, expressa pela carta elaborada por Michel Temer. O que segue por parte da burguesia é uma tática do desgaste de Bolsonaro para tirá-lo nas eleições ou antes, ao invés de ir para o confronto direto, o que levaria à derrubada do governo. A burguesia sabe que um cenário como esse poderia trazer maiores instabilidades políticas.

Hoje a orientação proposta por Bolsonaro, de autoritarismo, ditadura bonapartista e uso da repressão aberta e total contra as massas, além de não ter uma base social capaz de sustentá-la, não é a linha que a maioria da burguesia brasileira e internacional entende ser a adequada para conduzir seus negócios e interesses de dominação. Por isso, a imprensa brasileira e internacional critica as intenções, as declarações e as articulações do presidente da República. Isso não quer dizer, porém, que diante do prolongamento e aprofundamento das crises política e econômica essa orientação não possa mudar. Se Bolsonaro se apresenta como uma força viável diante do caos geral, a burguesia pode mais uma vez jogar no lixo sua fraseologia democrática e abraçar novamente formas de governo autoritárias.

Estamos assistindo assim à agonia do regime político pactuado em 1988. Trata-se em outras palavras de uma crise de dominação das classes dominantes, que elas buscam solucionar desta ou daquela maneira. Vemos diante de nossos olhos o desenvolvimento do impasse burguês e a confusão resultante da classe dominante. Essa é uma das condições fundamentais para a vitória de uma revolução proletária, como assinalado por Leon Trotsky no “Manifesto de Alarme”. Falta, porém, a coincidência das demais condições estabelecidas pela experiência histórica e esclarecidas pela teoria de que falava o revolucionário russo.

Outra das condições chaves para uma revolução vitoriosa é a questão da direção do proletariado. Como destacamos na página 6 desta edição do Tempo de Revolução, a atual orientação da CUT e dos sindicatos cutistas prolonga a agonia deste regime político. Desperdiçam o momento de confusão no andar de cima, ao buscarem gerenciar um mundo capitalista que não tem saída e reduzirem toda luta a uma campanha eleitoral antecipada. A situação se prolongando até as eleições, interviremos nelas orientando-nos pela independência de classe e pelos interesses gerais dos trabalhadores.

Neste momento, porém, toda a situação política se concentra na necessidade de pôr abaixo este governo e auto-organizar os trabalhadores. Essa é a única forma de apontar no momento uma solução radical para os problemas das massas, uma solução radical porque vai à raiz da conjuntura. O caráter convulsivo da atual democracia – essa democracia burguesa que querem salvar Lula, o PT, o PSOL e toda esquerda oportunista – reside no fato dos trabalhadores precisarem, no movimento para derrubar este governo, reconstruir um partido para chamar de seu. E neste processo estabelecer uma liderança firme e com um programa claro sobre as medidas para solucionar seus problemas.

Essa é a melhor contribuição que pode ser dada pela vanguarda militante de nossa classe para abreviar o sofrimento popular e abrir caminho para superação do mundo capitalista e sua barbárie. Esse é o sentido da construção da Esquerda Marxista e dos Comitês de Ação Abaixo Bolsonaro Já. É fundamental construir um partido revolucionário que possa servir aos trabalhadores como instrumento para eles próprios tomarem o poder e estabelecerem a sua própria democracia, uma democracia dos trabalhadores e para os trabalhadores. Armados com tal partido e com tal liderança, as massas, imbuídas do sentimento antissistema, encontrarão quem o expresse em fatos e não apenas em palavras.

“Comitês de Ação Abaixo Bolsonaro Já!” se reúnem e começam a agir

| Alex Minoru

Um dos encaminhamentos do “Encontro Nacional de Luta Abaixo o Governo Bolsonaro! Por um Governo dos Trabalhadores sem patrões nem generais!”, realizado em 10 de julho com mais de 1,7 mil inscritos, foi a constituição de comitês de ação regionais com base no [manifesto final do encontro](#).

Em Minas Gerais, a primeira reunião foi em 27 de agosto e organizou a participação do comitê nos atos “Fora Bolsonaro” que ocorreram em 7 de setembro. Uma próxima reunião foi agendada para 30 de setembro.

No Espírito Santo, o comitê realizou, em 3 de setembro, uma colagem de “lambes” pelas proximidades da Universidade Federal do Espírito Santo e em outros bairros da cidade de Vitória, com os dizeres de “Abaixo Bolsonaro já” e “Ufes fica, Bolsonaro sai”.

Na Grande São Paulo, além do comitê geral da região, há um comitê de trabalhadores do transporte público. Os dois comitês decidiram por organizar “Brigadas de Difusão Abaixo Bolsonaro Já”, que organizaram um total de oito difusões do manifesto do Encontro Nacional de julho. A próxima reunião de toda a região, agendada para 16



Ação na UFES de um comitê de ação

de outubro, deverá discutir a questão da dívida pública.

Em Campinas, São Paulo, a primeira reunião do comitê ocorreu em 12 de setembro. Foi criado um grupo de WhatsApp e discutido o apoio à chapa de oposição ao sindicato dos servidores públicos de Campinas, chapa que reúne diferentes tendências de esquerda e independentes. A atual direção do sindicato é ligada ao PSB e à prefeitura da cidade.

No Paraná, o comitê se reuniu em 8 de setembro e decidiu pela produção de adesivos, colagem de lambes, panfletagens e participação nos próximos atos “Fora Bolsonaro”.

O comitê da região de Florianópolis, Santa Catarina, já se reuniu duas vezes. A segunda reunião concentrou-se na discussão sobre a

PEC 32. Uma nova reunião foi agendada e será voltada para a discussão de temas ligados à luta da juventude.

O comitê do Rio Grande do Sul foi constituído em 12 de setembro e encaminhou também a constituição do grupo de WhatsApp, assim como ações de panfletagem. A próxima reunião, agendada para 17 de outubro, deverá discutir a situação dos educadores no estado.

O comitê do Rio de Janeiro será lançado em 22 de setembro. Em outubro, está prevista a realização do lançamento dos comitês do Nordeste, Centro-Oeste, Norte e da região de Joinville, Santa Catarina.

De conjunto, os comitês têm discutido os desenvolvimentos da situação política no país e ações para ampliar e agrupar todos os que compreendem a necessidade de pôr abaixo o governo Bolsonaro já, ao invés de aguardar as eleições de 2022. Têm pautado ainda que esse combate deve ser feito com independência de classe, abrindo a perspectiva de um governo dos trabalhadores, sem patrões nem generais. Todos estão preparando a intervenção nos próximos atos “Fora Bolsonaro” marcados para 2 de outubro.

Participe de um Comitê de Ação!



Bloco da campanha Abaixo Bolsonaro Já no ato de 7/9 em São Paulo



Lambes, uma das ações possíveis

A mulher proletária em luta pelo direito ao aborto legal, público e para todas

| Sarah Kolesnikova e Johannes Halter

“Proletária, a mais pobre dos pobres, a mais injustiçada dos injustiçados, vá à luta pela libertação do gênero das mulheres e do gênero humano do horror da dominação do capital.”

(Rosa Luxemburgo, “A Proletária”, texto por ocasião do 8 de março de 1914)

Nós do Movimento Mulheres Pelo Socialismo, nós que continuamos a batalha de Rosa Luxemburgo, de Clara Zetkin e de Alexandra Kollontai, convidamos todos os trabalhadores, homens e mulheres, a lutar pelo direito ao aborto legal, público e para todas no Brasil. Sob essa bandeira, realizaremos um encontro nacional dos nossos núcleos. Nessa atividade, também abordaremos a [“Plataforma de luta da mulher trabalhadora”](#). Será neste próximo dia 25 de setembro, com uma programação das 15 horas às 17h30. A campanha que propomos se distingue das outras por esclarecer, como Rosa fazia no 8M de 1914: o direito ao aborto, assim como o direito ao voto das mulheres no início do século 20, apenas pode vencer ou sucumbir junto com toda a luta de classes do proletariado, apenas pode ser defendido com os métodos proletários de luta e os seus meios de poder.

Um magnífico movimento de massas tem se desenvolvido por todo o mundo, protagonizado por milhões de mulheres e meninas de inúmeras nacionalidades. Contra toda repressão social e machista, que tem origem na divisão da sociedade em classes e é inerente ao capitalismo, elas erguem suas cabeças e questionam a condição que lhes foi destinada nesta sociedade, assim como os direitos que não lhes são concedidos e as proibições que lhes são impostas. Elas querem expressar sua humanidade, elas querem viver plenamente suas potencialidades, mas a cada passo sentem o peso da opressão e se defrontam com os obstáculos impostos pelo ordenamento jurídico e as relações sociais vigentes. Percebem intuitivamente a ideologia burguesa e colocam-se em movimento para questioná-la.

Em cada expressão recente da luta das mulheres isso se expressa. A luta pelo direito ao aborto na Polônia e contra sua anulação, em 2020, converteu-se rapidamente em um questionamento quanto ao próprio governo. Em 2018, no Brasil, o movimento #EleNão expressava a repulsa a todo o conjunto de ideias degeneradas em voga na sociedade e que eram expressas pelo então candidato Jair Bolsonaro.

Em 2017, a campanha argentina Ni Una Menos emocionou o mundo ao evidenciar a violência e as mortes de mulheres. Em meio à insurreição chilena de 2019, vimos como o avanço da consciência revolucionária anda ao lado da compreensão da necessidade de questionar a opressão às mulheres. A luta pelo aborto na América Latina tem sido um canal de questionamento e confronto com o ordenamento ideológico da sociedade. Em diversos países temos visto incríveis demonstrações de coragem em prol dessa reivindicação, que expressa politicamente a insatisfação das mulheres trabalhadoras sob o capitalismo.

A burguesia parece perceber melhor o potencial revolucionário do movimento de mulheres do que a esquerda oportunista. Pois, sempre que surge uma mobilização de grande envergadura, toda a estrutura política, intelectual e de comunicação da burguesia busca uma acomodação dentro do sistema político. E quando não consegue lança-se a uma campanha feroz de descrédito e oposição. Assim tem sido com todas as reivindicações políticas das mulheres que conquistam avanços para as trabalhadoras. A luta pelo direito ao aborto, em todo o mundo, segue a mesma

dinâmica. Mesmo em lugares onde essa reivindicação já foi conquistada, como na Itália, a cada passo a burguesia tenta limitá-lo e desestimulá-lo, seja com empecilhos nos processos médicos ou com assédios morais e condenação moral.

A conquista do direito ao aborto legal, público e para todas trata-se de uma batalha em uma guerra de classes que se trava nos mais diversos terrenos. Aqui se revela toda a desonestidade dos falsificadores do marxismo, que acusam os marxistas de “apenas” se importarem com as questões de classe e ignorarem ou não darem centralidade às demais formas de opressão existentes na sociedade. A verdade é que o método do materialismo dialético investiga a sociedade em sua complexidade e revela as ligações profundas e ocultas das relações sociais. Enquanto as correntes feministas e pequeno-burguesas de todo tipo abordam a questão da opressão às mulheres a partir de esquemas idealistas e abstratos, os materialistas dialéticos investigam essa opressão, explicam-na em suas reais interrelações e apontam os meios adequados à sua superação.

Toda a programação do Encontro Nacional de Núcleos do Movimento Mulheres

Pelo Socialismo tem esse sentido. É importante armar teoricamente as mulheres que lutam, as mulheres que buscam a emancipação de toda humanidade e compreender todas as raízes e implicações de sua luta pela legalização do aborto no Brasil. Vamos também impulsionar nossa atividade para os próximos meses e preparar nossa participação no 8M de 2022.

Na preparação do 8M de 1914, Rosa Luxemburgo chamava as mulheres de sua geração a se organizar no Partido Social-Democrata. Ela explicava que isso fazia a mulher entrar para a oficina da história. Esse partido passou por um profundo processo de degeneração que Rosa combateu até a morte. Assim, abandonou o marxismo e perdeu uma posição revolucionária sobre a opressão das mulheres. Nós do Movimento Mulheres Pelo Socialismo, por outro lado, reivindicamos e propagandamos as mesmas ideias desta revolucionária polonesa. Por isso, assim como ela fez na sua época, chamamos todas as mulheres trabalhadoras a se organizarem conosco. Esse é o caminho para que todos e cada uma tornarem-se um fator ativo e consciente na luta pela libertação das mulheres e de toda humanidade.



Encontro Nacional de Núcleos do Movimento Mulheres Pelo Socialismo

Quando? 25/09
Horas: 15h-17h30
Onde? Encontro virtual.
Como? Inscreva-se.



– Informe Plataforma de luta das mulheres trabalhadoras: Francis Lima/MPS PR

– Informe O direito ao aborto na América Latina: os casos da Argentina, Uruguai e México: Arièle Efting/ CMI Argentina, Ana Karen/La Izquierda Socialista/México e Ana Cláudia da Silva/MPS Florianópolis

– Informe A luta das mulheres pelo aborto no mundo: Ana Cláudia Castro/MPS SP

– Debate: Relatos dos núcleos do MPS e intervenções

– Fechamento: encaminhamentos e perspectivas para o 8M – Francis Lima



PREPARAR A JUVENTUDE PARA TEMPOS REVOLUCIONÁRIOS

23/10: CONFERÊNCIA NACIONAL DA LIBERDADE E LUTA 2021



| Lucy Dias

Setembro e outubro são dois meses importantíssimos para nossa organização de juventude. No dia 23 de outubro, das 9h às 17h15, realizaremos a [Conferência Nacional da Liberdade e Luta 2021 "Preparar a juventude para tempos revolucionários"](#). Reunindo jovens de todo o Brasil de maneira on-line, a conferência vai debater a situação política mundial e a luta para pôr abaixo o governo Bolsonaro agora. Na programação, contaremos com informes de camaradas sobre nossas tarefas revolucionárias, com olhar especial para as necessidades e reivindicações transitórias da juventude operária, universitária e secundarista.

Para além de debates sobre a conjuntura, faremos uma homenagem aos 104 anos da Revolução Russa e suas lições para a juventude. Não menos importante, uma celebração dos cinco anos da fundação da Liberdade e Luta com o lançamento da Brochura "Sou Liberdade e Luta". Nessa conferência, também vamos eleger uma nova Coordenação Nacional, que será responsável pela impulsão das resoluções aprovadas durante todo o próximo período.

Uma parte muito importante da construção deste evento são as inscrições de nossos próprios camaradas. Trata-se de preparar a tropa para a batalha. Neste momento, a orientação é discutir a convocatória nas células de juventude e apresentá-la junto à programação nas reuniões de nú-

cleo da Liberdade e Luta.

As inscrições estarão abertas até às 8 horas da manhã do dia 23 de outubro. Os camaradas, contatos e militantes da Liberdade e Luta podem [se inscrever por aqui](#).

Ao mesmo tempo que coesionamos nossa tropa, começamos a movê-la para o campo de batalha, isto é, a alcançar mais pessoas. A realização desta tarefa se dá organizando atividades de discussão e agitação.

Atividades dos núcleos da LL

No dia 4 de setembro, realizamos um Círculo de Leitura sobre marxismo com participantes de Minas Gerais e do Nordeste e, no dia 8 de setembro, houve uma live com o tema "[Entendendo os golpes de Estado](#)" com participantes do Rio de Janeiro. Os camaradas dessas regiões estão se organizando para fazer mais uma atividade de preparação para o início de outubro. O próximo círculo no Rio será em 5 de outubro e, no Nordeste, em 9 de outubro. Fique de olho para saber como participar.

Além disso, no dia 5 de setembro também foi realizado pelo

núcleo Jovens Universitários de Joinville, Santa Catarina, uma atividade de discussão sobre a [história da UNE e UBES](#), tendo como base o texto "De pé a jovem guarda: UNE e UBES da fundação à degeneração", publicado na brochura da Liberdade e Luta "A luta pela educação pública, gratuita e para todos". Já o núcleo de jovens trabalhadores, da mesma cidade, está organizando uma colagem de lambe-lambe para a próxima semana, bem como uma panfletagem nas fábricas e locais de grande circulação de trabalhadores.

Em Florianópolis, Santa Catarina, estamos apoiando a construção de grêmios livres nas escolas do município e defendendo abertamente a necessidade de construir uma União Florianopolitana de Estudantes Secundaristas (UFES). Os estudantes da Comissão Pró-Grêmio da Escola Estadual Jovem da Ilha organizaram uma live para discutir a importância de uma entidade como essa a nível local, municipal e nacional, resgatando experiências históricas nacionais e internacionais, bem como a história da União Joinvi-

lense de Estudantes Secundaristas (Ujes). [A live ficou gravada em nosso canal do YouTube](#). Assista.

Já os secundaristas e vestibulandos de São Paulo organizaram no dia 12 de setembro uma atividade com o tema "A defesa do meio-ambiente e a luta pelo socialismo", onde discutiram as greves mundiais contra a mudança climática, a destruição capitalista da natureza e a visão marxista sobre a questão, com bandeiras transitórias e socialistas para a preservação do nosso planeta. A próxima atividade do núcleo será sobre a construção de sindicatos de estudantes, no dia 17 de outubro.

Em Vitória, Espírito Santo, os camaradas organizaram uma [colagem de lambe-lambe pelas ruas da cidade](#). As palavras centrais dos cartazes são "[Universidades Ficam, Bolsonaro Sai](#)" remetendo à campanha contra o fechamento das universidades públicas e à necessidade de pôr abaixo o governo Bolsonaro já, em defesa da ciência e das vidas proletárias. A ação é uma forma de pressionar entidades do movimento estudantil e o parlamento para revogar o Orçamento 2021 e parar o criminoso pagamento da Dívida Pública. Envie sua moção.

O núcleo USP está realizando um cronograma de atividades para Introdução ao Marxismo, que contou com um novo encontro no dia 17 de setembro sobre o tema [Salário, Preço e Lucro](#).

Em Manaus, Amazonas, a Liberdade e Luta soma-se às iniciativas do hip hop local e um núcleo está se constituindo para organizar discussões, panfletagens em escolas e na praça onde os eventos de rap ocorrem. Um primeiro vídeo da cena foi editado e está sendo divulgado em nossas redes: [Hip Hop contra Bolsonaro](#). Em Rondonópolis, Mato Grosso, nossos camaradas estão organizando um calendário de atividades que começou em 13 de setembro, com o tema "Ser Negro não é crime!".

Cada uma dessas atividades segue o espírito da convocatória da conferência: Preparar a juventude para tempos revolucionários!

FAÇA SUA INSCRIÇÃO

Quando? 23/10
Horas: 09h às 17h15
Onde? Zoom Meeting
Como? Inscreva-se





A direção da CUT e os revolucionários diante da crise e de Bolsonaro

| Pedro Bernardes Neto

A classe trabalhadora brasileira vê despenhar seu já precário nível de vida. A classe dominante repassa aos explorados os custos da crise econômica que ela mesma criou. Desindustrialização, desemprego, aumento do custo de vida, fome, miséria. Esses são os prognósticos para o proletariado do Brasil dentro deste sistema. Os conflitos do governo Bolsonaro contra as instituições burguesas refletem as divisões no seio da classe dirigente em nosso país. Vemos que setores da classe média se voltam contra o governo, assim como os oprimidos buscam alternativas frente às mazelas dessa sociedade.

Frente a essa situação, como atua a principal direção sindical do Brasil, a CUT? Em uma live promovida por ocasião do aniversário de 38 anos da central, seu presidente, Sérgio Nobre, nos explica. Toda a atividade cutista, segundo seu líder, deve se dedicar a preparar a vitória de Lula nas eleições de 2022. E como fazer isso? Com greves, mobilização de rua, agitação classista nas fábricas, comércio e bair-

ros? Não. A CUT está lançando 5.730 “brigadas digitais”, com um plano para “formar” 63.390 comunicadores. Esse é o “trunfo para virar o jogo” proposto por Sérgio e as lideranças oportunistas do sindicalismo cutista.

Já na Plenária da CUT-SP de 28 de agosto, os sindicalistas da região se reuniram para aprovar um plano que, além de defender eleições democráticas em 2022, reivindicava a “defesa de um projeto de industrialização e desenvolvimento sustentável no estado, visando gerar emprego decente e renda”. Dessa forma, a proposta de limitar a atividade da central sindical ao ambiente digital das redes sociais se combina com uma reivindicação de gestão do sistema capitalista com coparticipação dos sindicatos. O caráter utópico e falso dessa proposta foi refutado, não por ocasião de uma profunda análise teórica marxista, mas pelos próprios capitalistas em diversas oportunidades. A mais recente foi o caso da FORD, que depois de anos negociando subsídios estatais, isenções, redução de direitos e demissões, por fim encer-

rou suas operações no Brasil. Ficou assim evidenciado aonde leva essa política econômica defendida pelos cutistas paulistas.

O papel da CUT

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) tem origem operária, no processo de luta contra o sindicalismo CLT e as burocracias do PCB no movimento operário. Desenvolveu-se como a maior central sindical do Brasil e a quinta maior do mundo. Contudo, hoje a vemos se tornar o principal empecilho na luta organizada do proletariado brasileiro. Destacamos três táticas dos últimos anos que marcam o freio dos aparatos cutistas contra a classe trabalhadora brasileira:

No dia 18 de agosto vimos um exemplo da prática das direções burocráticas mundo afora. Convoca-se um “grande” dia de greves e mobilizações. Contudo, os dirigentes da CUT não vão à base, não mobilizam e quando as manifestações fracassam, culpam a própria base das categorias. É preciso preparo, discussão nos locais de trabalho, assembleias,

enfim, mobilização genuína, para a construção de vitoriosas manifestações. Contudo, há muito a direção da CUT abandonou qualquer confiança na capacidade de luta e organização da classe trabalhadora. Encontramos no site da CUT dois assombrosos artigos sobre a pauperização brasileira e de como lidar com isso. No primeiro deles, longe de incentivar a nacionalização de todo o sistema energético do país, para que a energia não seja cobrada em função de lucros patronais e, sim, da necessidade dos trabalhadores, a CUT propõe 14 formas de aceitar o aumento de energia sem enfrentar o capitalismo. Fantástico! Em suma, matéria tão inútil como as dicas de saúde financeira que vez ou outra aparecem no trágico programa da rede globo nas noites de domingo.

Em outro artigo a CUT elogia trabalhadores que criam os próprios aplicativos para “competir” com as grandes corporações como iFood e Uber Eats em Minas Gerais. Ao invés de organizar os trabalhadores por aplicativo na linha da independência de classe, nos métodos tradicionais da democracia operária, fazem coro com a burguesia ao fomentar as ilusões de enriquecimento via empreendedorismo. Uma vergonha. A prática do PT e da CUT há muito se resume ao terreno institucional. Sérgio Nobre reforçou qual será a linha da CUT para os atos dos dias 2 de outubro e 15 de novembro: ocupar as ruas para pressionar o Congresso pelo impeachment. Entretanto, o real sentido da atividade da central consiste em apostar suas fichas na via eleitoral em 2022, mantendo o governo Bolsonaro até ser enfrentado em um cenário Bolsonaro versus Lula.

O problema é que parte central da estratégia das direções reformistas e burocráticas se resume à convocação de atos para pressionar as instituições. Se é verdade que eventualmente a classe trabalhadora conquista reivindicações importantes pressionando as instituições, também é verdade que essa tática tem grandes limites. Em uma situação de crise econômica tão profunda como a que vivemos, onde a classe burguesa não cede um centímetro de campo à classe trabalhadora, tal tática continuará expressando seus limites e afastando a classe trabalhadora e a juventude.

Qual a posição dos revolucionários?

A CUT deveria batalhar para ganhar cada trabalhador e trabalhadora desse país para a organização de uma greve geral por tempo indeterminado, tendo como pauta central a imediata derrubada do governo Bolsonaro. Uma greve geral assim poderia colocar o sistema em xeque. Porém, é justamente isso que a direção da CUT pretender evitar. Tentam manter a discussão, quando muito, no nível institucional do impeachment, que deixa as podres instituições burguesas intocáveis.

Como forma de construir uma alternativa às direções burocráticas, “Comitês Abaixo Bolsonaro Já!” são construídos em todo o país, com base no manifesto que pode ser [acessado aqui](#). Esse instrumento tem sido central para dialogar com o desejo radical de mudança em setores importantes da juventude e da classe trabalhadora. Se você tem acordo com o manifesto e quer ser parte dessa luta, junte-se a nós em mais essa batalha.



Clipe apresenta proposta da direção da CUT sobre como influir na situação

MOVIMENTO NEGRO SOCIALISTA

Movimento Negro Socialista estuda e age na luta de classes

| Felipe Araujo

O Movimento Negro Socialista (MNS) é um movimento que desde as suas origens denuncia que racismo e capitalismo são duas faces de uma mesma moeda, como apontava o militante sul-africano Steve Biko. Assim, em nosso combate cotidiano contra o racismo, colocamos também a necessidade de superação desse sistema racista, que se baseia na divisão da sociedade em classes para manter a opressão e a exploração.

Parte fundamental da nossa militância é dedicada à formação política, ou seja, estudar as diversas formas de luta que o movimento operário travou na história da humanidade, para aprender com seus erros e acertos, bem como conhecer as ferramentas que ela desenvolveu para enfrentar o capitalismo. Enquanto socialistas, nos dedicamos a estudar os clássicos da teoria marxista, que são a concentração teórica de todo o esforço da classe trabalhadora em derrubar esse sistema covarde.

De um lado, damos muita atenção à teoria. E, de outro, damos igual atenção à prática, ou seja, à organização militante. Afinal, a luta contra o racismo exige muito mais do que apenas teoria; ela exige de nós um método eficiente de organização,

que seja capaz de capturar as principais reivindicações do movimento negro (e do conjunto da classe trabalhadora) e organizar as pessoas entorno dessas reivindicações, criando comitês de luta em escolas, universidades, fábricas, escritórios, associação de moradores e em todo local em que haja espaço para nossa construção.

É através dessa militância que nos diferenciamos das organizações burguesas que fingem ser antirracistas, mas que, na prática, seguem defendendo o capitalismo e toda sua política de divisão da classe, de manutenção do sistema e de apaziguamento da disposição de luta. Eles difundem todo tipo de teoria que parece “radical” na aparência, mas que, na realidade, serve para manter o racismo vivo, já que não enfrenta o capitalismo.

Nós, do MNS, por outro lado, defendemos que o movimento negro precisa enfrentar este sistema e todos os seus lacaios. No caso do Brasil, desde o início apresentamos um combate contra Bolsonaro. Para nós, enfrentar o racismo aqui exige derrubar este governo, assim como todos os padrões e generais, que nos “chibatam”. Consiste ainda em construir um governo dos trabalhadores. Afinal, enquanto o poder estiver

na mão de nossos históricos inimigos, seguiremos sendo tratados como criminosos, como inferiores.

Só um governo dos trabalhadores pode trazer uma vida digna para nós negros. Enquanto não houver pleno emprego, educação e saúde para todos, seremos as principais vítimas. A luta contra o racismo hoje no Brasil exige uma forte unidade dos trabalhadores em torno dessas reivindicações, que apontem que o capitalismo já esgotou suas condições de sobrevivência e que a luta por verdadeiras reformas é incompatível com a manutenção deste sistema. Como no Brasil a maior parte da população é negra, isso implica em que uma luta revolucionária passa necessariamente por organizar o movimento negro em torno de um conjunto de reivindicações anticapitalistas. Em que o socialismo seja a perspectiva de superação total dessa sociedade que nos divide para nos dominar.

Convidamos todos os leitores do Tempo de Revolução a se unirem a nós nessa luta, participando de nossas atividades de formação, nossos blocos nas manifestações contra Bolsonaro e a construir conosco comitês de luta contra o racismo e contra Bolsonaro em sua cidade.



PRÓXIMAS ATIVIDADES

Live “A luta dos negros por educação pública e gratuita, da creche à pós-graduação”



Quando? 27/09

Horas: 19h

Onde? Transmissão ao vivo.

Como? Assista nas páginas do MNS e EM.

Debate on-line

“História e Luta dos Panteras Negras”



Quando? 09/10

Horas: 15h

Onde? Encontro virtual.

Como? Inscreva-se no QR-Code.

CONFIRA COMO FOI

Live de um ano da campanha “Ser Negro Não É Crime!”



América
SOCIALISTA

EM DEFESA DO MARXISMO

CLIQUE E ADQUIRA!





“História da Filosofia: uma perspectiva marxista”, novo livro de Alan Woods

Obra do dirigente da CMI compõe campanha de todas as seções em defesa da teoria marxista

| Michel Goulart da Silva

No dia 26 de setembro ocorrerá o lançamento internacional do livro História da Filosofia: uma perspectiva marxista, escrito por Alan Woods. O livro é parte do combate que vem sendo realizado pela Corrente Marxista Internacional (CMI), da qual Alan Woods é dirigente, em defesa do marxismo e contra as ideologias difundidas pelas classes dominantes, em especial o pós-modernismo.

Nessa obra, Alan Woods utiliza o método do materialismo histórico para analisar o desenvolvimento do pensamento humano ao longo dos tempos. Começando com as lutas e percepções dos primeiros humanos em sua busca pela sobrevivência, Alan Woods percorre em sua análise o desenvolvimento das sociedades de classes, o florescimento do pensamento na sociedade

escravista da Grécia Antiga e o desenvolvimento da filosofia até Marx e Engels.

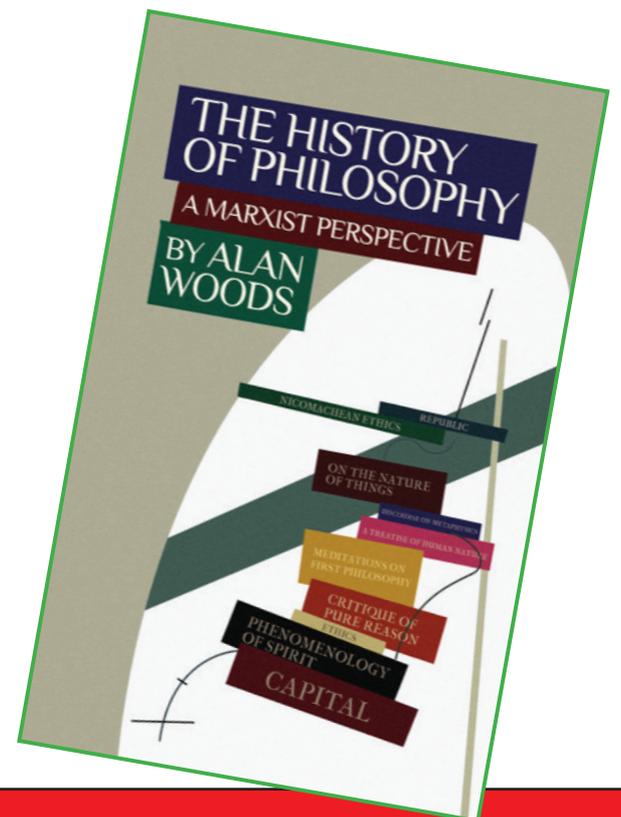
Alan Woods analisa também as diferentes correntes dentro das tendências materialistas e idealistas. Os antigos materialistas gregos fizeram algumas importantes descobertas graças à sua abordagem filosófica. Esse conhecimento foi perdido e esquecido após o colapso das antigas civilizações. Na época medieval, a filosofia na Europa progrediu pouco sob o domínio da Igreja Católica e do idealismo extremo que ela pregava. Com o Renascimento e depois com o Iluminismo, houve uma ruptura com o misticismo e um retorno a uma visão científica da realidade, permitindo um imenso progresso na ciência e na técnica.

O livro de Alan Woods também analisa o desenvolvimento da abordagem

dialética da realidade, a qual explica que o mundo está em constante mudança e movimento. Essa foi uma abordagem presente entre alguns dos filósofos da Grécia Antiga e que foi retomada nas obras de Hegel. O problema de Hegel, explica Alan Woods, era sua abordagem idealista. Foi com Marx e Engels que se chegou à conclusão de que o desenvolvimento dialético é uma característica fundamental da matéria. A dialética foi, assim, combinada com o materialismo, que até então tinha uma abordagem mecânica e estática de compreensão da realidade.

O materialismo dialético, método de Marx e Engels, vê o mundo, não como uma realidade estática e imóvel, mas em constante mudança e movimento de acordo com leis que podem ser descobertas. Portanto, se contrapõem às formulações idealistas que sustentam as teorias pós-modernas e suas diversas manifestações, as quais combatem o marxismo dentro das universidades.

O livro de Alan Woods certamente ajudará o leitor a compreender o método do marxismo. Em meio à crise mais profunda que o sistema capitalista já viu, nunca houve um momento mais importante para estudar a filosofia marxista. Longe de ser uma atividade acadêmica e deslocada da realidade material da sociedade, como é o caso da filosofia majoritaria-



ADQUIRA

Você pode garantir sua edição em inglês e comprar com frete internacional.



Wellred
Books



Com seu livro Alan fornece munição teórica para militância da CMI em cada país

PARTICIPE DO LANÇAMENTO

O evento online contará com uma introdução do autor, que explicará a importância da filosofia na luta revolucionária

Quando? 26/09
Horas: 20h (Brasil)
Onde? Zoom Meeting
Como? Inscreva-se



mente difundida nas universidades, para os marxistas a sua perspectiva filosófica é um guia para a ação. Como Lenin apontou, “sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário”. Portanto, o livro de Alan Woods deve ser comprado, lido e estudado por todos aqueles que querem lutar para acabar com o sistema capitalista e construir a revolução socialista.

Para marcar o lançamento do livro, a Wellred Books, editora da obra na Grã-Bretanha, realizará um debate, em formato on-line, em inglês, com a presença de Alan Woods, no dia 26

de setembro, às 16 horas, no horário britânico. Essa atividade contará com uma introdução sobre o tema da obra, feita pelo autor, que também explicará como a filosofia é uma ferramenta indispensável na luta pela transformação revolucionária da sociedade. A participação do evento será gratuita.

Os participantes da atividade também têm a opção de fazer a compra antecipada da obra, na sua edição em inglês. Nos próximos meses divulgaremos mais informações sobre a publicação da obra e seu lançamento no Brasil.